

UM BRAVO, O VISCONDE DE SIGNOLES

Guy Maupassant

Chamava-se Gontran Joseph de Signoles, era visconde e em sociedade todos o conheciam pelo «Belo Signoles».

Órfão e possuidor de razoável fortuna, fazia figura, como é uso dizer-se. Tinha um aspecto atraente e apresentava-se bem, dotes suficientes para fazer acreditar em muitos predicados, sem excluir, até, uma certa dose de espírito; aliava à graça natural um ar de nobreza e altivez, usava bigode e tinha uns olhos meigos, coisas de muito agrado às mulheres.

Procurado nos salões, reclamado pelo olhar das damas amigas de valsar, o seu rosto de pessoa enérgica inspirava aos homens aquela cínica inimizade que é costume desfazer-se em sorrisos.

Atribuía-lhe muitas daquelas aventuras que tornam invejável a reputação dum homem. Vivia feliz e tranquilo, respirava bem-estar por todos os poros. Sabia-se que esgrimia admiravelmente a espada e melhor era ainda a sua reputação como atirador à pistola.

- Quando um dia me bater - assim o afirmava - escolherei a pistola. É a arma com que tenho a certeza de matar qualquer adversário.

Ora uma noite, fora ao teatro com dois amigos que se faziam acompanhar das suas jovens esposas e, à saída do espectáculo, a seu convite, entraram todos na casa Trotoni para tomar sorvetes. Pouco tempo depois de ali estarem, uma das senhoras descobriu que um homem, que estava sentado numa mesa próxima, a fitava com obstinação. Nervosa a princípio, a alvejada, acabou por baixar a cabeça, de vergonha; depois, mais inquieta, voltou-se para o marido e disse com certo azedume:

- Está ali um homem que não faz outra coisa senão olhar para mim. Não o conheço. E tu?

O marido, que até então nada tinha percebido, levantou os olhos e informou:

- Não, também não conheço.

Momentos depois a esposa, entre sorridente e enfasiada, queixou-se:

- Aquele maçador está a estragar-me o gelado.

O marido encolheu os ombros:

- Deixa! Não faças caso. Se nos preocupássemos com todos os insolentes que encontramos não sei o que seria deste mundo.

Nesta altura o visconde levantou-se bruscamente. Não podia permitir que qualquer desconhecido estragasse assim um gelado oferecido a uma senhora.

A ele, só a ele, a injúria era dirigida, pois por sua causa e para lhe serem agradáveis é que os amigos tinham acedido a entrar naquele café.

Adiantou-se para o homem e disse rispidamente:

- Não tolero essa maneira ofensiva de fitar estas senhoras. Espero que faça o favor de não insistir.

O outro replicou:

- Não me mace, deixe-me em paz.

E o visconde de dentes cerrados, respondeu:

- Cuidado! Não me faça perder a cabeça.

O desconhecido deu por resposta uma só palavra, uma palavra obscena que entoou por todo o café e produziu um efeito semelhante ao distender rápido de uma mola de aço; todos os assistentes reagiram bruscamente. Os que estavam de costas, voltaram-se: outros levantaram a cabeça; três rapazes que tomavam bebidas ao fundo da sala rodavam sobre os saltos como se fossem piões e as duas empregadas do balcão, como dois autómatos, viraram-se com uma rapidez fantástica para o lado donde a palavra viera.

Fez-se um grande silêncio. Depois, sem que houvesse tempo para qualquer reacção, estoirou, no ar, um ruído seco. O visconde esbofeteara o insolente. Toda a gente se levantou para separar os contendores. Depois, os dois homens trocaram cartões.

O visconde entrou em casa e passeou, durante algum tempo, no quarto, dum lado para o outro. Tão agitado se sentia que era incapaz de reflectir, de pensar fosse o que fosse.

Só uma ideia lhe dominava o espírito, ideia que nessa altura não lhe despertava qualquer espécie de emoção: o duelo, pensava no duelo. Estava certo de que tinha procedido como devia; reagira dignamente. Falariam, dar-lhe-iam razão, felicitá-lo-iam.

Falando em voz alta, como acontece a toda a gente que a indignação faz saltar fora de si, exclamou:

- Que brutamontes!

Sentou-se e a reflexão voltou. Precisava de ir, logo de manhã, procurar testemunhas. E quem escolheria? Esforçava-se por lembrar as pessoas mais importantes e melhor colocadas das suas relações e por fim optou pelo marquês de La Tournoire e pelo coronel Bourdin: um fidalgo e um militar. Satisfez-se com a escolha, os padrinhos eram conhecidos nos jornais. Teve sede e bebeu um, dois copos de água; depois continuou o seu passeio pelo quarto. Uma energia estranha o tomou e então achou-se capaz de todas as audácias, capaz de exigir as mais arriscadas condições. Se reclamasse um duelo sério, muito sério, uma luta feroz, possivelmente faria recuar o adversário e este pediria as suas desculpas.

Pegou novamente no cartão que tirara da algibeira e deixara em cima da mesa e voltou a lê-lo, como já fizera no café, no trem de aluguer e à luz de cada bico de gás que encontrou ao caminho quando voltava para casa. «Georges Lamil,

51, rue Moncei» e nada mais.

Aquelas letras pareciam-lhe misteriosas estavam cheias de um sentido confuso. Georges Lamil? Mas quem seria aquele homem? Em que se empregaria? Porque olhara com tal insistência a mulher do seu amigo?

Não era revoltante o facto de um estranho, de um desconhecido qualquer vir, dum momento para o outro, perturbar a vida dum homem só porque lhe apetecera fitar com insolência um rosto de mulher? A este pensamento repetiu indignado:

- Que brutamontes.

De pé e imóvel, com o olhar fito no cartão de visita, o visconde cismava.

Aquele pedaço de papel viera despertar-lhe uma cólera surda, um ódio a que se vinha juntar um estranho e indefinido sentimento de mal-estar. Um caso estúpido! Pegou num canivete que encontrara à mão, abriu-o e raspou no sítio do nome do cartão, como se estivesse apunhalando alguém.

Era preciso bater-se. Escolheria a espada ou a pistola: sim, ele é que escolheria, visto considerar-se ofendido. Se com a espada havia um risco menor, a pistola teria a vantagem de forçar a desistência do adversário. Um duelo à espada só em casos de excepção podia ser mortal - a recíproca prudência dos contendores fá-los afastar, fá-los guardar-se de forma a que as pontas das espadas não possam ferir profundamente. Se sabia que num encontro à pistola arriscava a vida, maiores eram também as possibilidades de sair airoso da situação e com todas as honras, sem que o duelo chegasse a realizar-se.

Talvez para ganhar coragem, para vencer o silêncio, disse:

- Se for enérgico, ele, certamente, terá medo.

Mas o som da sua própria voz fê-lo estremecer. O nervosismo aumentava. Bebeu mais um copo de água e seguidamente começou a despir-se. Depois

meteu-se na cama, apagou a luz e fechou os olhos.

Não dormia, o cérebro trabalhava:

«Tenho todo o dia de amanhã para tratar de tudo o que necessito. Durmamos um pouco. O sono é um óptimo remédio».

Se bem que a cama fosse confortável, não conseguia adormecer. Não encontrava posição. Deitava-se de costas, permanecia assim cinco minutos; depois; voltava-se para o lado esquerdo, a seguir para o direito... e o sono não vinha.

A sede torturava-o. Levantou-se para beber e sentiu-se inquieto.

- Terei medo? Acaso terei medo?

Porque lhe bateria o coração desordenadamente quando qualquer ruído, mesmo familiar, se fazia ouvir no quarto? Até o arrastar da mola que movia o pêndulo do relógio o punha em sobressalto; faltava-lhe o ar, precisava abrir a boca para respirar, tal era a força que lhe oprimia o peito.

Deu-se a um raciocínio frio e perguntou, perturbado, novamente a si próprio:

- Terei medo?

Certamente que não, pois estava resolvido, sem vacilações, a bater-se. Contudo uma nova interrogação o deixou profundamente perturbado.

Poder-se-á ter medo mesmo contra a nossa vontade?

Esta dúvida inquietante, este temor avassalava-o. Se existisse uma força mais poderosa, uma força superior às suas próprias forças que o dominasse, o que sucederia? Sim, o que poderia acontecer? Certamente que iria bater-se, uma vez que tal desejava. Mas se tremesse? Mas se desmaiasse? Pensava com egoísmo na sua reputação, na mancha que ficaria sobre o seu nome.

Um desejo absorvente o fez saltar da cama e encaminhar-se para o sítio onde se encontrava o espelho. Acendeu a vela. Ao ver o rosto reflectido no vidro polido que estava à sua frente, não se reconheceu, convenceu-se mesmo de

que nunca se tinha visto. Os olhos, muito abertos, pareceram-lhe enormes; estava pálido, muito pálido mesmo.

Ficou de pé algum tempo, em frente do espelho. Deitou a língua de fora para avaliar do seu estado de saúde e, repentinamente, foi assaltado por um mau pensamento:

- É possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, já esteja morto.

E o coração voltou de novo a bater-lhe desordenadamente.

- Sim, é possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, esteja morto. E não tornarei a ver este rosto que agora se projecta no espelho. Mas será possível? Eu que vejo tudo o que me rodeia, que sinto a vida a pulsar... e dentro de vinte e quatro horas poderei encontrar-me, nesta mesma casa e neste mesmo quarto, morto, de olhos fechados, frio, inanimado?

Voltou a deitar-se e viu-se estendido no leito e nos mesmos lençóis que momentos antes acabara de deixar. Tinha o mesmo rosto cavado dos mortos e as mãos moles, tão moles como aquelas que nunca mais se mexerão.

Desviou os olhos da cama; teve medo e, para fugir à estranha visão, atravessou o quarto a passos largos e dirigiu-se à sala de fumo. Num gesto mecânico, pegou numa vela, acendeu-a e continuou a andar. Sentiu frio e foi direito à campainha na intenção de chamar o criado de quarto. Já com a mão no cordão, ainda ganhou forças para se deter.

- Ele vai, certamente, perceber que tenho medo.

Desistiu de chamá-lo e acendeu o lume. As mãos tremiam-lhe nervosamente quando tocava em qualquer objecto. Desvairamento... Com a perturbação os pensamentos tornaram-se-lhe fugazes, bruscos, dolorosos: uma lassidão semelhante à da embriaguez lhe invadia o espírito e sem cessar perguntava:

- Que farei? O que será de mim?

O corpo tremia-lhe todo, sacudia-se como vara verde ao vento. Aproximando-

se da janela, correu as cortinas.

Despontava a manhã de um dia de Verão. O céu róseo emprestava a sua cor a toda a cidade; róseos eram os telhados, róseas eram as paredes. Uma enorme toalha de luz, uma verdadeira carícia do sol nascente envolvia a terra ao seu despertar. E esta claridade trouxe ao coração do visconde uma esperança radiosa e rápida como um deslumbramento mas ao mesmo tempo brutal. Um doido, sim, era um doido por se deixar arrastar pelo medo sem que nada estivesse decidido, sem que ao menos as suas testemunhas se tivessem avistado com as de Georges Lamil, sem que ao menos soubesse se teria ou não de bater-se.

Lavou-se, vestiu-se e saiu de casa num passo firme e decidido.

Enquanto caminhava, repetia, para ganhar forças:

- Preciso de mostrar-me enérgico, muito enérgico mesmo. Sim, preciso de mostrar que não tenho medo.

O marquês e o coronel, as testemunhas que convidou, aceitaram a incumbência, apertaram-lhe calorosamente a mão e discutiram as condições.

O coronel perguntou:

- Pretende um duelo a rigor?

O visconde respondeu:

- Sim, um duelo sério, muito a sério.

Depois, o marquês continuou: - Opta pela pistola?

- Sim.

- Deixe o resto connosco.

Numa voz seca e ao mesmo tempo sacudida, o visconde acrescentou:

- A vinte passos, levantando as armas, em vez de as baixar à voz do comando.

E só findará quando um de nós ficar gravemente ferido.

Satisfeito com a audácia do visconde, o coronel declarou:

- Excelentes condições. O senhor é bom atirador e as vantagens estão todas do seu lado.

Partiram. O visconde voltou para casa, onde ficou à espera das suas testemunhas. A agitação, que nele se acalmara por alguns momentos, crescia agora continuamente. Sentia nos braços, nas pernas, no peito uma espécie de tremor, uma vibração constante; não conseguia estar quieto; nem sentado, nem de pé encontrava posição conveniente. Secara-lhe, por completo, a saliva, e a língua, de seca também, parecia prender-se-lhe ao céu da boca.

Quis almoçar mas não conseguiu comer: lembrou-se de beber para tomar coragem, foi buscar uma garrafa de rum e encheu, e esvaziou seis vezes um pequeno copo.

Primeiro, um calor semelhante ao de uma queimadura o invadiu; depois ficou atordoado, entontecido. Pensou então:

- Encontrei o remédio. Agora tudo correrá bem.

Passada uma hora já a garrafa estava despejada, mas a agitação voltou assaltá-lo.

Um desejo doido de se atirar ao chão, de rebolar, de gritar, de morder, apoderou-se dele. A noite chegou, a campainha tocou e o visconde, roído de angústia, nem sequer teve forças para se levantar, para receber as testemunhas. Nem sequer ousava falhar-lhes; qualquer cumprimento, o pronunciar de uma só palavra, dar-lhes-ia a compreender, de tal modo sentia que a voz se lhe alterava, o medo que o dominava.

O coronel informou:

- Tudo combinado de acordo com as suas condições. A princípio, o seu adversário ainda reclamou os privilégios de ofendido, mas depressa cedeu e tudo aceitou. Escolheu dois militares como testemunhas.

O visconde agradeceu e o marquês explicou: - Desculpe as nossas constantes

entradas e saídas, temos de nos ocupar ainda de mil coisas. Uma vez que a luta só vai terminar no caso de ferimento grave, teremos de procurar um médico, pois sabe tão bem como nós que um duelo à pistola, em tais condições, não é brincadeira. Será conveniente escolher um local que fique próximo duma casa, para lá conduzir o ferido, em caso de necessidade: enfim, ainda temos que fazer para ocupar duas ou três horas.

O visconde repetiu, com esforço:

- Obrigado.

E o coronel, interessado pelo estado de espírito do senhor de Signoles, indagou:

- Está bem disposto? Sente-se calmo?

- Sim, sinto-me bem.

Retiraram-se as duas testemunhas.

Ao sentir-se de novo só, julgou que tinha enlouquecido, e mal o criado acabou de acender as luzes sentou-se à mesa a redigir algumas cartas. Depois de escrever, no alto de uma folha de papel: «Este é o meu testamento...», levantou-se com a rapidez de quem pretende fugir da morte e afastou-se da mesa; sentia-se incapaz de coordenar quaisquer ideias, de tomar uma resolução, de decidir fosse o que fosse.

Bater-se, ia bater-se! E não era coisa que pudesse evitar. Perguntava a si próprio a razão do que se passava e não a encontrava. Sim, queria bater-se, resolvera-o com firmeza, era essa a sua intenção, mas por mais que concentrasse a vontade em tal resolução, estava certo de que nem sequer conseguiria arranjar a força necessária para percorrer o caminho até ao lugar onde iria dar-se o encontro. Fazia um esforço sobre-humano para contactar com a realidade e procurava pensar na sua própria atitude e adivinhar a disposição do adversário.

Batiam-lhe os dentes, de vez em quando. Quis ler, interessar-se por alguma coisa e pegou no código de duelo de Chateauvillar. Depois, interrogou-se:

- Terá o meu adversário frequentado alguma sala de armas? Será bom atirador? Como posso sabê-lo?

Lembrou-se do livro do barão de Vaux sobre o tiro à pistola e percorreu-o de ponta a ponta. Não, não vinha nele o nome de Georges Lamil. Mas se não fosse um bom atirador teria aceitado, sem qualquer reserva, tão perigosa arma e ainda por cima as condições rigorosas que lhe tinham proposto? Parou junto dum velador e abriu uma caixa Gostinau Rennette e dela retirou uma pistola. Elevou o braço, colocou-o na posição de atirar. Tremia dos pés à cabeça e o cano da arma movia-se, acompanhando o tremor das mãos.

Murmurou então:

- Impossível. Não posso bater-me neste estado.

Olhava para o extremo do cano da pistola, fitava o pequeno buraco escuro por onde sai, num vômito, a morte e pensava na desonra, naquilo que diriam a seu respeito, nos risos dos salões, no desprezo das mulheres, na perfídia dos jornais, nos insultos cobardes que receberia.

Continuava a fitar a arma: levantando o cão, viu brilhar, num repente, como uma chama vermelha, a escorva da bala. Tinha deixado, por esquecimento, a pistola carregada, e, sem saber porquê, experimentou uma alegria estranha.

Se em presença do adversário não mantivesse o aspecto nobre e calmo que era preciso mostrar em tais circunstâncias, estaria perdido para sempre. Sim, ficaria desonrado, marcá-lo-ia o ferrete da infâmia, seria escorraçado pelo mundo! E sentia que lhe era impossível manter o aspecto calmo, aquele ar brigão que até aí o caracterizara. Mas alguém lhe poderia chamar covarde se fora ele quem procurara bater-se?

Aquele pensamento nem sequer chegou a completar-se. Abriu a boca até mais

não poder, enterrou fundo, bem fundo, o cano da pistola e carregou no gatilho...

Ao ouvir o tiro o criado correu para o quarto e encontrou-o morto, estendido no chão, de barriga para o ar. O sangue que jorrara da ferida salpicou o papel branco que estava sobre a mesa, transformando-se numa grande mancha vermelha debaixo das únicas palavras que o visconde conseguira escrever: «Este é o meu testamento...».

O ADEREÇO

Era uma destas raparigas encantadoras, lindas, que nascem às vezes, talvez por erro do destino, numa família de funcionários.

Não tinha dote nem esperanças, nenhum meio de se tornar conhecida, de se fazer compreendida e amada, de se casar com um homem rico e distinto; teve de desposar um pequeno funcionário do Ministério da Instrução Pública.

Teve de ser simples, porque não tinha adornos: mas isto fê-la infeliz como se estivesse desacreditada; as mulheres, efectivamente, não têm casta nem raça; são a beleza, a graça e o encanto que lhes servem de nobreza e de família. A inata finura, o instinto de elegância e maleabilidade de espírito são a única hierarquia e fazem as raparigas do povo iguais às mais distintas senhoras.

O seu sofrimento era contínuo, porque sentia que nascera para todas as delicadezas e para todos os luxos. Sofria com a pobreza da casa, com a miséria das paredes, com a velhice das cadeiras, com a fealdade dos estofos. Qualquer outra mulher da sua classe não teria dado por estas coisas, mas a ela torturavam-na e indignavam-na. Bastava-lhe ver a pequena bretã que lhe tratava da casa tão modesta, para que logo despertassem as desoladas lágrimas e os sonhos sem limites. Pensava em silenciosas antecâmaras, forradas de

tapeçarias orientais, iluminadas por grandes candelabros de bronze e com dois criados de calção a dormir nas largas poltronas, amodorrados pelo calor pesado do calorífero. Sonhava com grandes salões guarnecidos de seda antiga, com os móveis finos e preciosos «bibelots», com as saletas graciosas, perfumadas, feitas para as conversas das cinco com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e procurados, cujas atenções todas as mulheres desejam.

Quando se sentava, para jantar, à mesa redonda, com uma toalha de três dias, diante do marido que destapava a terrina e dizia: - «Que boa sopinha! Há lá coisa melhor no mundo!...» -, cismava nos jantares finos, nas pratas reluzentes, nas tapeçarias que povoam as paredes de personagens antigas e de estranhas aves numa floresta de sonho; pensava em deliciosas iguarias servidas em baixelas maravilhosas, em galantarias murmuradas e ouvidas com um sorriso de esfinge, enquanto se vai comendo a carne cor-de-rosa duma truta ou as asas duma galinhola.

Não tinha vestidos, nem jóias, nem nada; e só disso gostava, só para isso tinha nascido. Tanto desejaria agradar, ser invejada, ser sedutora; tanto desejaria que dessem por ela...

Tinha uma amiga rica, uma camarada do convento que nunca mais tinha ido visitar, porque voltava sempre cheia de desgostos. E chorava dias inteiros, de pena, de tristeza, de desespero, de desamparo.

Ora uma tarde, entrou o marido com o ar de triunfo e um grande sobrescrito na mão.

- Aqui está uma coisa para ti.

Ela rasgou apressadamente o papel e tirou um cartão impresso com as seguintes palavras:

«O ministro da Instrução Pública e M.me Georges Ramponneau têm a honra

de convidar M.me Loisel a vir passar a noite no Ministério, na segunda-feira, 18 de Janeiro.»

Esperava o marido que ficasse encantada, mas viu, pelo contrário, que atirava o cartão para cima da mesa, murmurando com despeito:

- E que queres tu que eu faça com isso?

- Oh! queridinha, e eu que pensei que ficavas contente! Nunca saís e tens aí uma ocasião, uma esplêndida ocasião. Vi-me aflito para conseguir o convite. É que toda a gente quer: há-os efectivamente aos montes, mas para os empregados são poucos. Vais encontrar muita gente de posição...

Ela contemplava-o com um ar irritado, depois declarou, impaciente:

- E que queres tu que eu vista para lá ir?

Não tinha pensado no problema; e balbuciou:

- Mas... o vestido que levas ao teatro... Acho que está muito bem... pelo menos eu acho...

E calou-se, surpreendido, agitado, ao ver que a mulher chorava; duas grandes lágrimas lhe desciam lentamente dos olhos para os cantos da boca. E gaguejou:

- Que é isso? Então que é isso?

Com um esforço violento, ela dominou a sua dor e respondeu numa voz calma, enxugando as faces húmidas:

- Não é nada. É só isto: não tenho vestido, não posso ir à festa. Dá o cartão a um colega que tenha uma mulher mais bem vestida do que eu.

O marido estava desolado. E retorquiou:

- Ora vamos lá a ver, Matilde. Quanto é que poderia custar um vestido próprio que pudesse servir para outras ocasiões, uma coisa simples?

Ela reflectiu alguns segundos, fazendo os seus cálculos e pensando na quantia que poderia pedir sem que viesse uma recusa imediata e uma exclamação de

terror do económico funcionário. Por fim respondeu hesitante:

- Não sei ao certo, mas tenho a impressão de que, com uns quatrocentos francos, talvez conseguisse...

Loisel empalideceu um pouco. Era exactamente o que reservara para comprar uma espingarda e ir caçar no verão, para Manterre, com uns amigos que costumavam aos domingos atirar às cotovias. No entanto, respondeu:

- Bem, dou-te os quatrocentos francos. Mas vê lá se arranjas realmente um vestido bonito...

Aproximava-se o dia da festa e M.me Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. O marido disse-lhe uma vez:

- Que tens? Há três dias que andas tão esquisita. Ela respondeu:

- Aborrece-me muito não ter uma jóia, umas pedras, uma coisa qualquer para pôr em cima... Pareço uma miserável. Mais valia não ir...

- Pões umas flores naturais; fica muito bem neste tempo. Com dez francos arranjas tu duas ou três rosas magníficas.

M.me Loisel não se convencia:

- Não, não... Não há nada mais humilhante do que ter ar de pobre no meio de mulheres ricas.

Mas o marido gritou-lhe:

- Não sejas pateta. Vai ter com a tua amiga Forestier e pede-lhe que te empreste jóias. A amizade que vocês têm permite-te uma coisa dessas.

Ela soltou um grito de alegria.

- Tens toda a razão. Não tinha pensado...

No dia seguinte, foi a casa da amiga e contou-lhe as suas dificuldades. A outra foi a um armário de espelho, tirou um cofre, trouxe-o, abriu-o e disse a M.me Loisel:

- Escolhe o que quiseres, minha amiga.

Viu primeiro braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, tudo ouro e pedrarias, um admirável trabalho. Experimentava os adereços diante do espelho, hesitava, não podia resolver a largá-los. E ia perguntando:

- Não tens mais nada?

- Claro que sim. Procura. Eu é que não posso saber o que te agrada.

De repente, descobriu, numa caixa de cetim negro, um esplêndido adereço de diamantes; o coração pôs-se a bater, num desejo irreprimível; as mãos tremiam-lhe ao tocar-lhe. Pô-lo ao peito, sobre o vestido de gola subida e ficou em êxtase diante de si própria.

Depois perguntou, hesitante, cheia de angústia:

Podes emprestar-me isto, só isto?

- Mas certamente.

Saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com ímpeto, e fugiu com o seu tesouro.

Chegou o dia da festa. M.me Loisel teve um êxito enorme. Era de todas a mais bonita, a mais elegante e graciosa, a mais sorridente; ia louca de alegria. Todos os homens a olhavam, perguntavam o seu nome e pediam para ser-lhe apresentados; todos os adidos queriam valsar com ela; o próprio ministro a notou.

Dançava com embriaguez, impulsivamente, perturbada pelo prazer, já não pensando em coisa alguma, senão no triunfo da sua beleza, na glória do seu êxito, numa espécie de nuvem de felicidade feita de todas estas admirações, de todos os desejos despertados, dessa vitória tão completa e tão agradável para o coração das mulheres.

Saiu às quatro da manhã; o marido dormia, desde a meia-noite, num salãozinho, com três outros senhores cujas mulheres se divertiam imenso.

Pôs-lhe pelos ombros os vestuários da vida vulgar que trouxera para a saída,

modestos vestuários, cuja pobreza dizia mal com a elegância do vestido de baile. Ela sentiu-o e quis fugir, para que não a notassem as outras mulheres que se cobriam de ricas peles.

Loisel retinha-a:

- Espera aí. Assim vais apanhar frio... Vou chamar um trem.

Ela, porém, não o escutava e descia rapidamente a escada. Quando chegaram à rua, não encontraram nenhum carro; puseram-se então a procurar, gritando a todos os cocheiros que viam passar ao longe.

- Desceram para o Sena, desesperados, a tremer de frio; por fim, no cais encontraram um desses velhos trens que só aparecem em Paris depois do cair da noite, como se de dia tivessem vergonha da sua própria miséria

Levou-os até casa, na Rua dos Mártires, e foi com tristeza que subiram as escadas. Para ela, tudo acabara, e ele, por seu turno, pensava que tinha de estar às dez horas no Ministério.

M.me Loisel tirou o velho casaco que tinha posto por cima dos ombros, diante do espelho, para se contemplar em toda a sua glória. Mas de repente soltou um grito. Não tinha o colar ao pescoço.

O marido, já meio despido, perguntou:

- Que tens tu?

Ela voltou-se, com a cabeça perdida:

- Tenho... tenho... não, não tenho o colar da Forestier!

Loisel levantou-se, como doido:

- Quê? Que disseste tu? É lá possível!

Procuraram os dois nas pregas do vestido, nas pregas do casaco, nas algibeiras e por toda a parte. Mas nada encontraram.

Ele perguntou:

- Tens a certeza de que ainda o trazias quando saíste do baile?
- Pois, até lhe passei a mão à saída do Ministério.
- Se o tivesse perdido na rua, tínhamos ouvido... É capaz de estar no trem.
- Isso! Talvez esteja. Tiraste o número?
- Eu não; e tu? Não te lembras?
- Também não me lembro...

Olhavam um para o outro, aterrados. Por fim, Loisel voltou a vestir-se.

E saiu. A mulher ficou de vestido de baile, sem forças para se deitar, abatida numa cadeira, sem ânimo, sem pensar em nada.

Loisel entrou às sete horas. Não o tinha encontrado.

Foi à prefeitura da polícia, aos jornais, para anunciar alvíssaras, às companhias de trens, a toda a parte, afinal, a que o levava uma réstia de esperança.

Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de abatimento diante do terrível desastre.

Loisel voltou à tarde, com as faces cavadas e pálidas: não tinha encontrado nada.

- Tens que escrever à tua amiga e dizer-lhe que se quebrou o fecho do colar e que o mandaste a conserto. Assim temos mais tempo para vermos o que se há-de fazer.

E M.me Loisel escreveu o que o marido lhe ditava.

Ao fim de uma semana, tinham perdido toda a esperança

Loisel, que parecia cinco anos mais velho, declarou:

- Temos de substituir a jóia.

No dia seguinte, pegaram no estojo em que tinha estado metida e foram ao joalheiro cujo nome estava escrito no cetim. O homem consultou os seus livros.

- Não fui eu quem fez a venda desse adereço; com certeza só forneci a caixa.

Foram então de joalheria a joalheria, à procura de um adereço semelhante ao outro; esforçavam-se por se lembrarem dos pormenores e sentiam-se doentes, os dois, de desgosto e de angústia.

Encontraram, numa loja na rua Port-Royal, um colar de diamantes que lhes pareceu muito semelhante ao que procuravam. Custava quarenta mil francos, mas cediam-no por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que a loja ficasse outra vez com o colar, por trinta e quatro mil francos, se encontrassem o outro antes do fim de Fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil francos que lhe havia deixado o pai. Pediria o resto emprestado.

Pediu, efectivamente, mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luíses por um lado, três por outro. Passou letras, contraiu compromissos ruinosos, teve de se entender com usurários, com toda a qualidade de gente que empresta a juros. Comprometeu toda a sua existência, arriscou o seu nome sem mesmo saber se o poderia honrar e, aterrorizado pelas angústias do futuro, pela negra miséria que se ia abater sobre si, pela perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o adereço novo e colocou sobre o balcão do comerciante os trinta e seis mil francos.

Quando M.me Loisel levou o adereço à amiga, esta disse-lhe com um ar franzido:

- Devias ter-mo trazido mais cedo; podia muito bem ter precisado de o pôr.

Não abriu o estojo, a coisa que Loisel mais temia. Que teria pensado, se desse pela substituição? Que teria dito? Não era possível que a tomasse por ladra?

M.me Loisel conheceu a vida horrível dos necessitados; de resto, a sua resolução foi repentina e heróica. Era preciso pagar essa dívida terrível; havia de pagá-la. Despediram a criada e mudaram de casa: alugaram um sótão.

Passou por todos os grosseiros trabalhos de casa, pelas odiosas fainas da

cozinha. Lavou a loiça e as unhas cor-de-rosa estragaram-se-lhe nas panelas engorduradas e nos fundos das caçarolas. Ensaboou roupa suja, camisas e panos de esfrega, que depois punha a secar numa corda; todas as manhãs descia as escadas com o lixo, depois acarretava água, parando em cada patamar, para tomar fôlego. E, vestida como uma mulher do povo, foi à frutaria, ao merceiro, ao talho, de cesto no braço, a regatear, injuriando, defendendo, real a real, o seu miserável dinheiro.

Todos os meses era preciso liquidar letras, reformar outras, ganhar tempo.

O marido trabalhava, à tarde, a passar a limpo as contas de um negociante e, muitas noites, fazia cópias a três tostões a página.

E esta vida durou, assim, dez anos.

Ao fim desse tempo tinham restituído tudo, absolutamente tudo, com a percentagem dos usurários e as acumulações de juros.

M.me Loisel, agora, parecia uma velha. Tornara-se a mulher forte, dura, rude, das casas pobres. Mal penteada, com as saias de través e as mãos vermelhas, falava alto, lavava os soalhos com muita água. Mas, às vezes, quando o marido estava no emprego, sentava-se junto da janela e pensava naquela noite longínqua e no baile em que fora bela e festejada.

Que teria acontecido se não tivesse perdido o adereço? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é singular e incerta! Como basta tão pouco para salvar ou perder!

Ora um domingo, quando andava a dar uma volta pelos Campos Elíseos, para descansar das fadigas da semana, viu de repente uma mulher a passear com uma criança. Era M.me Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

M.me Loisel sentiu-se impressionada. Falar-lhe-ia ou não? Falar-lhe-ia, sim. Porque não havia de lho dizer agora que estava tudo pago?

E aproximou-se.

- Bom dia, Joana.

A outra não a reconheceu e, admirada de que uma mulher assim se lhe dirigisse tão familiarmente, balbuciou:

- Mas realmente... minha senhora... Não sei... Talvez esteja confundida...

- Não estou, não... sou a Matilde Loisel!

A amiga deu um grito:

- Oh! pobre Matilde! Como estás mudada!

- Bem mudada. Tive dias bem difíceis, depois que te vi pela última vez. E muita miséria... Por tua causa, sabes...?

- Por minha causa? Como?

- Lembras-te daquele adereço de diamantes que me emprestaste para ir à festa do Ministério?

- Perfeitamente! E depois?

- Depois perdi-o.

- Não pode ser... Pois se mo trouxeste!

- Levei-te outro parecido. E passámos estes dez anos a paga-lo. Bem vêes, para nós era muito difícil... Não tínhamos nada... Enfim, está tudo acabado... e sinto-me bem contente.

A Forestier parava.

- Disseste que tinhas comprado um adereço de diamantes para substituir o meu?

- Pois... Não deste por isso, pois não? Eram quase iguais.

E sorria, com uma alegria orgulhosa e ingénua.

M.me Forestier, muito comovida, pegou-lhe nas mãos:

- Pobre Matilde! O adereço era falso... Aí de quinhentos francos, quando muito.

O VADIO

Ele conhecera dias mais felizes, apesar do estado de miséria e de doença em que agora se encontrava.

Na idade de quinze anos, ficara com as pernas esmagadas por uma carruagem, na estrada real de Varville. Desde então mendigou, arrastando-se ao longo dos caminhos, através dos pátios das quintas, balouçado nas muletas, que lhe tinham feito levantar os ombros à altura das orelhas. A sua cabeça dir-se-ia enterrada entre duas montanhas.

Enjeitado encontrado num fosso, pelo cura de Billette, na véspera do dia de Finados, e baptizado em razão disso, Nicolau Toussaint, educado por caridade, ficara estranho a todo e qualquer grau de instrução, estropiado depois de ter bebido alguns copos de aguardente oferecidos pelo padeiro da aldeia, para que ele fizesse rir, não tardou em dar em vagabundo, e mais nada sabia fazer do que estender a mão à caridade.

Outrora, a baronesa d'Avray concedia-lhe, para dormir, uma espécie de nicho cheio de palha, ao lado do galinheiro, na herdade que se ligava ao castelo: e ele ali estava ao abrigo, certo de, nos dias de grande fome, encontrar sempre um pedaço de pão e um copo de cidra na cozinha. Muitas vezes, recebia também alguns «sous» atirados pela velha senhora do alto da sua escadaria ou das janelas do seu quarto. Porém, ela morrera.

Nas aldeias, não lhe davam nada: conheciam-no por demais; estavam fartos de o ver; havia quarenta anos que o viam passear o deformado de seu corpo andrajoso sobre as suas duas patas de madeira.

Todavia, ele não queria deixar aqueles sítios, porque não conhecia outra coisa sobre a Terra a não ser aquele canto de país, aquelas três ou quatro aldeias onde arrastara a sua vida miserável.

Marcara fronteiras à sua mendicidade e não teria nunca passado os limites que se acostumara a não ultrapassar.

Ignorava se o mundo se estenderia ainda muito para além das árvores que sempre tinham servido de limite à sua vida. Nem sequer o perguntava a si próprio. E quando os camponeses, cansados de o encontrarem todos os dias à beira dos seus campos ou ao longo dos seus fossos, lhe gritavam:

- Porque não vais tu para as outras aldeias, em lugar de andares sempre a muletar por aqui? Ele não respondia, e afastava-se, tomado de um medo vago pelo desconhecido, de um medo de pobre que receia confusamente mil coisas, as novas caras, as injurias, os olhares de desconfiança e suspeita das pessoas que o não conheciam, e os gendarmes que vão dois a dois pelas estradas e que o faziam esconder, por instinto, nas moitas ou por detrás das pedras.

Quando os via de longe, reluzentes ao sol - encontrava de repente uma agilidade singular, uma agilidade de monstro, para alcançar qualquer esconderijo. Saltava nas muletas, e deixava-se cair à maneira de um trapo, rolando como uma bola, tornando-se pequenino, invisível, acaçapado como uma lebre na sua toca, confundindo os seus trapos russos com a terra.

Ele não tivera, no entanto, nada com eles. Mas aquilo estava-lhe na massa do sangue, como se houvesse recebido aquele temor e aquela manha dos seus ascendentes, que não conhecera.

Não tinha refugio, nem tecto, nem cabana, nem abrigo. Dormia por toda a parte, quer de verão quer de inverno, e introduzia-se nas granjas ou nos estábulos com uma ligeireza notável. E raspava-se sempre antes que houvessem dado pela sua presença. Conhecia os buracos para penetrar nas construções; e o manejar das muletas havia-lhe dado aos braços um vigor tão surpreendente, que trepava só à força de pulso até aos celeiros de forragens, onde se conservava quatro ou cinco dias sem bulir, quando havia recolhido no

seu giro as provisões suficientes.

Vivia como os animais dos bosques no meio dos homens, sem conhecer ninguém, sem amar ninguém, não excitando aos camponeses mais que uma espécie de desprezo indiferente e de hostilidade resignada. Tinham-lhe posto a alcunha do «Sino» porque se baloiçava, entre as suas duas muletas de pau como um sino se baloiça entre os seus suportes.

Havia dois dias que não comia. Ninguém já lhe dava nada. Por fim, nem já o queriam ver. Os camponeses, dos seus portais, gritavam-lhe quando o viam chegar:

- Vê lá se te queres pôr a andar, tonante ! Ainda não ha três dias que te dei um bocado de pão!

E ele girava sobre as suas estacas e dirigia-se à casa vizinha, onde o recebiam da mesma maneira.

As mulheres declaravam de porta para porta:

- Mas é que a gente não pode dar de comer a este mandrião todo o ano.

Todavia, o mandrião tinha necessidade de comer todos os dias.

Tinha percorrido Saint-Hilaire, Varville e les Bocettes, sem recolher um cêntimo nem uma simples côdea. Só lhe restava uma esperança, era, Tournolles; mas era-lhe preciso caminhar ainda duas léguas pela estrada real, e sentia-se cansado a ponto de não poder arrastar-se mais, tendo o ventre tão vazio como a algibeira.

Apesar de tudo, pôs-se em marcha.

Era em Dezembro, um vento frio percorria os campos, sibilava nos ramos nus; e as nuvens galopavam através do céu baixo e sombrio, apressando-se não se sabe para onde. O estropiado caminhava lentamente, deslocando os seus suportes um após outro com penoso esforço, escorando-se na perna torcida que lhe restava, terminada por um pé aleijado e calçado por um trapo.

De tempos a tempos, assentava-se no fosso e descansava alguns minutos. A fome punha uma grande mágoa na sua alma confusa e pesada. Ele só tinha uma ideia: «comer», mas não sabia por que meio.

Durante três horas, penou na comprida estrada depois, quando avistou as árvores da aldeia, apressou os seus movimentos.

O primeiro lavrador que encontrou e ao qual pediu esmola, respondeu-lhe:

- Tu ainda por aqui ? velho marau!

Então eu nunca me verei livre de ti?

E o «Sino» afastou-se. De porta em porta, correram-no, recambiaram-no, sem lhe darem nada. E ele continuava, apesar disso, o seu giro, paciente e obstinado. Não recolheu um sou.

Então visitou as herdades, caminhando através das terras amolecidas pelas chuvas, por tal forma extenuado que nem sequer podia levantar as muletas. Escorraçavam-no de toda a parte. Era um desses dias frios e tristes em que os corações se fecham, em que os espíritos se irritam, em que a alma está sombria, em que a mão não se abre nem para dar nem para socorrer.

Quando acabou de visitar todas as casas que conhecia, foi cair ao canto de uma vala, ao longo do pátio do tio Chiquet. Despegou-se, como se dizia para exprimir a maneira porque se deixava cair de entre as muletas que fazia escorregar por debaixo dos braços. Ficou por largo tempo imóvel, torturado pela fome, mas era muito bruto para que pudesse penetrar a sua insondável miséria.

Esperava não se sabe o que, naquela vaga esperança que existe constante em nós.

Esperava ao canto daquele pátio, sob o vento gelado, o auxílio misterioso que se espera sempre do céu ou dos homens, sem que se saiba como, nem porque, nem por quem ele nos poderá chegar. Passava um bando de galinhas pretas,

buscando a sua vida na terra que alimenta todos os seres. A cada instante, picavam com uma bicada um grão ou um insecto invisível, depois continuavam a sua busca lenta e segura.

O «Sino» olhava para elas sem pensar em nada; depois veio-lhe, mais ao ventre que propriamente à cabeça, mais à sensação que à ideia, que um daqueles animais seria bom para comer assado no borralho de uns troncos secos. A suposição de que ia cometer um roubo nem de leve roçou pelo seu espírito. Pegou numa pedra que se achava ao alcance da mão, e, como a tinha certa, matou redondamente, atirando logo por terra a ave que estava mais próxima. O animal caíra de flanco, remexendo as asas. As outras fugiram, baloiçando-se nas suas patas delgadas, e o «Sino», escalando novamente as suas muletas, pôs-se em marcha para ir apanhar a sua caça, com movimentos iguais aos das galinhas.

Ao chegar perto do pequeno corpo preto manchado de vermelho na cabeça, recebeu um empurrão terrível pelas costas, que o fez cair das muletas e o fez rolar a dez passos para a frente.

E o tio Chiquet, exasperado, precipitando-se sobre o pilha, encheu-o de pancadas, batendo como um furioso, como bate um camponês roubado, com o punho e com o joelho por todo o corpo do enfermo, que não podia defender-se.

As pessoas da herdade chegaram por sua vez e puseram-se com o patrão a sovar o mendigo. Depois, quando se cansaram de lhe bater, agarraram nele, levaram-no e fecharam-no na casa da lenha, enquanto iam em cata dos gendarmes.

«Sino», meio morto, sangrando e estoirando de fome, ficou deitado no chão. Chegou a tarde, veio a noite, depois a aurora, e ele sem comer.

Pelo meio dia, os gendarmes apareceram e abriram a porta com precaução,

esperando uma resistência, porque o tio Chiquet dizia ter sido atacado pelo vadio e ter-se defendido a grande custo.

O cabo bradou:

- Vamos! leva arriba!

Mas «Sino» não se podia mexer; ainda tentou içar-se nos seus suportes, mas não o conseguiu. Julgaram que era fingimento, que era manha, que era má vontade do malfeitor, e os dois homens armados trataram-no asperamente, empunharam-no e plantaram-no à força sobre as muletas.

O medo apossara-se dele, aquele medo inato que os desgraçados têm das correias militares, o medo da caça em presença do caçador, do rato diante do gato. E, com esforços sobre-humanos, lá conseguiu pôr-se em pé.

- Marche! disse o cabo. Ele marchou. Todo o pessoal da herdade o via partir. As mulheres mostravam-lhe o punho; os homens chacoteavam-no, injuriavam-no: tinham-lhe dado fim! Estavam livres.

Ele afastou-se entre os dois guardas. Achou a energia desesperada que lhe era precisa para se arrastar ainda até à noite, embrutecido, não sabendo nem sequer o que lhe sucedia, assustado por demais para que pudesse compreender.

As pessoas que o encontravam detinham-se para o ver passar, e os camponeses murmuravam:

- É algum ladrão!

Pela noitinha, chegaram à comarca. Ele nunca tinha ido até ali. Não dava verdadeiramente conta do que se passava nem do que lhe podia acontecer. Todas aquelas casas novas o consternavam.

Não pronunciou mais uma palavra, nada tendo a dizer, porque nada compreendia. Desde muitos anos que não falava a ninguém, por isso quase perdera o uso da linguagem; e o seu pensamento estava também muito

confuso para poder formular palavras. Encerraram-no na prisão da vila. Os gendarmes não pensaram em que ele poderia ter vontade de comer, e deixaram-no até ao outro dia.

Mas, quando vieram para o interrogar, logo de manhãzinha, acharam-no morto, no chão.

Que surpresa!